

Apresentação

Quando falamos em vanguarda nos referimos a algo que está à frente do seu tempo, que consegue enxergar e vivenciar tendências, movimentos e formas de ser completamente novas e, muitas vezes, revolucionárias, porque quebram padrões, modificam velhas situações e incomodam os olhares conservadores.

Uma educação de vanguarda é uma educação que pensa em como ensinar e aprender, fazendo de cada sujeito um ser realizado e não apenas formado. A educação deve ser como subir numa árvore, buscando-se ver além e não somente se conformar e seguir com a visão baixa do todo.

Neste livro reunimos alguns pensadores para discutir experiências de vanguarda em países lusófonos. O resultado são textos que discutem desde como a saúde de cada um afeta o processo de aprendizagem, como no texto inicial *Depressão em universitários: interface Educação e Saúde* da autora Izabel Cristina Taceli, que aborda a temática da depressão nos espaços escolares, um assunto fundamental nos tempos de pandemia que estamos vivendo desde 2020, momento em que o lado emocional das pessoas foi muito afetado, o que refletiu em tudo, inclusive nos processos de aprendizado de cada um.

É preciso pensar o aprendizado como um processo interligado com a própria vida que engloba tudo: saúde, alimentação, sociabilidade, autoestima e outros assuntos. Aprender é procurar o sol dentro e fora de cada um de nós e em tempos sombrios nos distanciamos da luz.

No ensaio *Entre o Modelo de Ativação Psicológica e a Escola Cultural*, o autor André Veríssimo vai além das tendências e contrastes nas interpretações de diferentes perspectivas. Vemos em particular dentro do texto as alusões do autor a Lev Vygotsky e ao circuito dos sistemas internos e externos que produzem a auto-regulamentação do desenvolvimento cognitivo.

O texto *A Escola da Ponte: uma escola preocupada com o conhecimento e não com a atribuição de notas ou conceitos aos estudantes*, escrito por mim, foi produzido objetivando ser mais que um texto acadêmico, mas um desabafo sobre tudo que eu acho que está errado e mal construído no ensino tradicional. Pesquisando sobre A Escola da Ponte, de Portugal, relatei a forma de ensino aplicada por eles, que foge dos modelos convencionais, e, ainda assim, é um sucesso no país e faz educadores do mundo inteiro repensarem suas práticas.

Em *Galiza e a Lusofonia: a entrada da região autônoma na CPLP e o ensino do Português*, o autor Wesley Sa Teles Guerra fala do estudo e do uso do português na Galiza, uma comunidade autônoma espanhola, que faz fronteira ao Sul com Portugal (Minho e Trás-os Montes). Guerra, no seu brilhante texto, nos relata o que faz com que os galegos cruzem a fronteira, não só física, mas cultural para aprenderem português.

Em *Cultura de Paz nas escolas: a “Arte de Viver em Paz” com professoras*, texto das autoras Gabriella Alencastro Veiga de Araújo e Maria Inês Gandolfo Conceição, trata-se da tolerância com os diferentes, da diversidade das pessoas na sociedade, da formação de uma cultura de paz nas instituições; e, da cultura de paz, não de forma ideológica, mas enxergando que o respeito com o outro é necessário em todos os tipos de relações, inclusive na relação de ensino e aprendizagem. Um tema muito importante para a atualidade em que vivemos, num período de confrontos ideológicos em redes sociais e na vida real, fazendo o ódio prevalecer. O importante é que as autoras colocam a cultura da paz como uma forma de construir ambientes melhores em qualquer lugar, inclusive nas escolas e lugares de aprendizado.

Este livro tem por objetivo discutir a possibilidade de uma outra educação, enfatizando que um novo modo de fazer o processo de ensino e aprendizagem é possível e que a utopia não pode empoeirar-se.

Boa leitura!

Cristiane Neder, Professora da UEMG e Organizadora da obra
Mestre e Doutora pela ECA-USP e Pós Doutora pela UFSC